PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 155 outubro de 1983 XVII

NESTE NÚMERO:

PÔR FIM AO REINADO DOS GENERAIS

Em sua 11ª reunião plenária, o CC analisou, com base no informe do 1º Secretário, a situação dramática em que vive o país, as características da crise atual e as alternativas para superá-la.

Atualmente, como resultado da orientação político-econômica do regime militar, milhões de trabalhadores estão sem emprego, não têm onde morar, não ganham o mínimo indispensável para se alimentar. Enquanto isto, bilhões de dólares saem do país, para saldar os compromissos cada vez maiores com os banqueiros internacionais ou como remessa de lucros dos grandes monopólios estrangeiros. Todo o sistema econômico gira em torno do pagamento da dívida externa. Pressionado pelos credores, o governo capitula da maneira mais vergonhosa aos ditames do FMI.

Esta situação extremamente grave é conseqüência direta do desenvolvimento econômico das últimas duas décadas, acoplado à estrutura fundiária que predomina no país, com base no latifúndio, e às custas de uma forte dependência ao capital estrangeiro. Este crescimento, sem bases sólidas, colocou a economia nacional como um complemento do capital financeiro internacional. A estrutura industrial só funciona com a injeção permanente de recursos externos e apoiada na tecnologia estrangeira. A agropecuária voltou-se principalmente para a exportação, para obter divisas destinadas ao pagamento da dívida.

Hoje este sistema se esgotou: por um lado, a necessidade permanente de novos empréstimos em dólares para mover a máquina produtiva e por outro, a incapacidade para pagar as amortizações e os juros da dívida que crescem vertiginosamente. As exportações não têm mais como se expandir. O mercado interno não tem como absorver os bens produzidos. É uma crise estrutural — a primeira grande crise industrial de nossa história.

A saída para esta crise não comporta medidas paliativas. Exige romper de maneira radical com esta estrutura arcaica e com a dependência ao capital internacional. Isto só pode ser alcançado por uma nova orientação, que se alicerce nos interesses nacionais e nas necessidades do povo. Ou seja, livrando as forças produtivas das amarras que freiam seu crescimento.

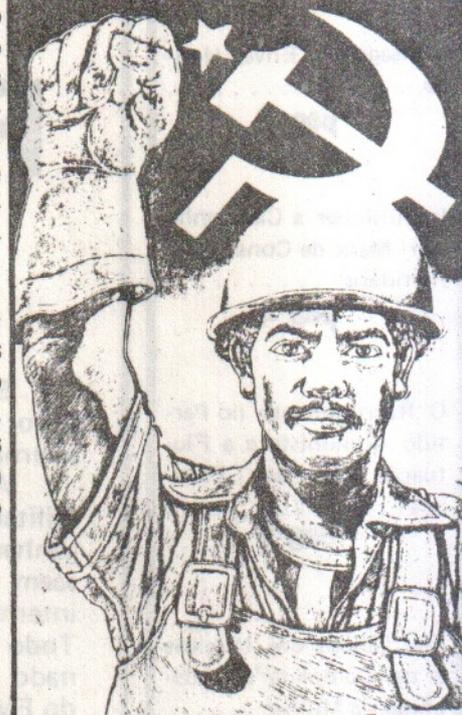
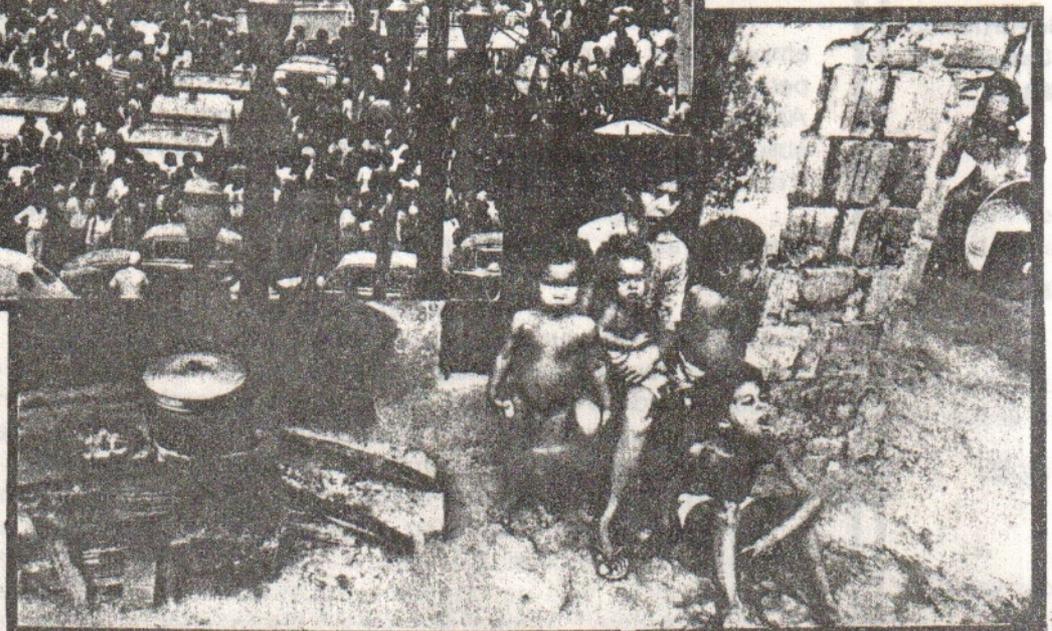
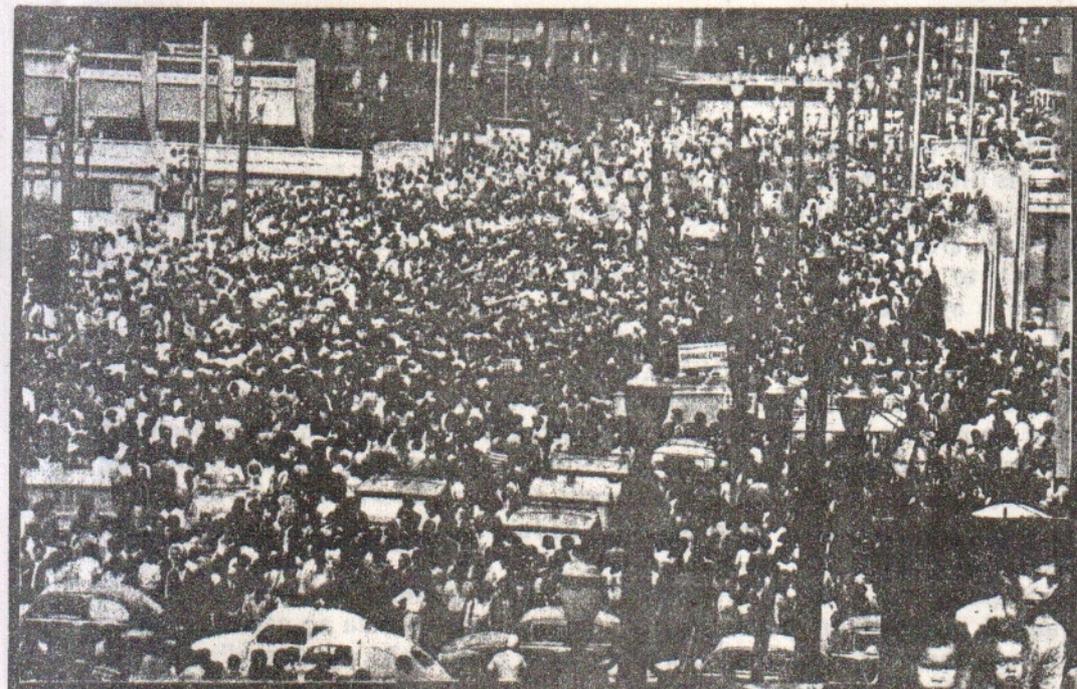
A primeira providência é liquidar o regime militar, que nos levou a tal estado de calamidade. Ainda mais agora, que o general de guarda no Palácio do Planalto já não tem como governar. Seu governo esvaiu-se. A subserviência deslavada ao FMI, o mar de lama da corrupção, a acirrada disputa pela sucessão presidencial, tudo isso levou o país a um desgoverno. Amadurece velozmente uma crise de poder.

A tal ponto se deteriorou o governo, que dentro do próprio sistema dominante a direita mais empedernida conspira abertamente. Posa de nacionalista e defensora da moralidade. Visa na verdade medidas de força para calar a oposição e prolongar o regime militar. Ataca o Congresso Nacional acusando-o de criar um impasse ao rejeitar os decretos ordenados pelo FMI. Faz provocações exigindo que o parlamento aceite a cassação de deputados por dizerem no Congresso o que se ouve a qualquer hora nas ruas em todo o país. Pode inclusive substituir Figueiredo com o pretexto de garantir a "ordem".

►

O que se coloca na ordem do dia, de imediato, é um novo governo, provisório, constituído pelas forças patrióticas, democráticas e pelo movimento popular, capaz de aplicar um plano de salvação nacional: revogar as leis arbitrárias, garantir a liberdade política, convocar o povo a se manifestar sobre os rumos do país em uma Assembléia Nacional Constituinte, suspender o pagamento da dívida externa, até que a nação em liberdade se pronuncie a respeito, romper com todos os acordos com o FMI, tomar providências urgentes para avaliar as condições de vida do povo.

O fator chave para que esta solução se encaminhe é a unidade popular; tendo à frente a classe operária. Os movimentos dos trabalhadores contra o desemprego, as greves nas fábricas, as manifestações contra o decreto 2045, as invasões de casas e terrenos, os saques no nordeste e nas grandes cidades como Rio e São Paulo, são manifestações da revolta popular, mas que ainda não jogam peso decisivo porque são isoladas. Mas representam o novo poder que vai abrindo caminho. Os recentes saques nas grandes cidades em particular, mostram o esforço das massas para encontrar novas formas de enfrentar a situação. E na sua sabedoria, voltam-se espontaneamente para a velha tradição das ações de guerrilha, a que os oprimidos sempre recorreram nas situações de opressão insuportável. A grande questão hoje é transformar todos estes movimentos numa força popular organizada, que possa manifestar-se de forma independente no cenário político nacional.

Este novo governo provisório não pode limitar-se às formalidades da democracia burguesa. A sua própria constituição não será possível sem ações enérgicas onde o povo, em aliança com as forças democráticas, abra caminho para por fim ao reinado dos generais. Numa crise política, ao participar de um governo deste tipo, o proletariado visa, ao deslocar o núcleo de poder até hoje monopolizado pelas Forças Armadas, abrir espaço para a mobilização e organização das massas, para fazer valer a alternativa que efetivamente convém aos interesses maiores do povo brasileiro.■

MENSAGEM A ENVER HOXHA

Querido camarada Enver Hoxha

No dia 16 de outubro completareis 75 anos de existência — uma vida inteiramente dedicada à libertação do povo albanês, à nobre causa do comunismo.

Esta data é motivo de alegria para os marxista-leninistas de todo o mundo, que vêem na figura do camarada Enver Hoxha a mais alta expressão, nos dias atuais, das idéias grandiosas do socialismo científico. Todos admiramos e compreendemos o imenso valor da obra que realizastes em prol da emancipação da classe operária e de afirmação da nação albanesa.

Ingressastes nas lides políticas e revolucionárias em um momento crucial da história da Humanidade, quando os povos se levantavam heroicamente contra o barbarismo nazi-fascista e derramavam seu sangue generoso em defesa da liberdade, da revolução proletária, da União Soviética de Lênin e Stálin, por um novo mundo de paz e justiça social. E desde então conservastes firmemente em vossas mãos a bandeira invencível do marxismo-leninismo. Apoiado na teoria dos mestres eminentes do proletariado, abrindo caminhos novos, vencestes passo a passo os inimigos abertos e disfarçados do comunismo, desenvolvendo a doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Inestimável é a contribuição que destes no campo da teoria e da prática à construção do socialismo na Albânia. Sem dúvida são os povos que fazem a História. Mas o fazem estreitamente ligados a um partido de vanguarda e aos seus dirigentes fiéis à revolução, comprovados na luta. Precisamente você, camarada Enver, e o seu partido, o PTA, colocaram-se à frente do povo albanês na façanha heróica da libertação nacional, na gesta gloriosa da construção do socialismo. Você, camarada Enver, é respeitado e querido pelos albaneses e pelos trabalhadores de todos os países por haver demonstrado na prática ser o melhor intérprete das profundas aspirações das massas populares, por ter sido inflexível nas batalhas de classe contra o odioso sistema capitalista, um defensor intransigente dos princípios que norteiam a marcha do proletariado para o seu objetivo final — a edificação da sociedade comunista. Quantos perigos, quantas ciladas surgiram no caminho do povo albanês nestas quatro décadas de luta revolucionária! Mas a Albânia triunfou, o socialismo venceu! O camarada Enver foi o inspirador, o organizador talentoso dessas magníficas vitórias. Vosso nome e vossa obra estão intimamente ligados às grandes conquistas do socialismo na Albânia. E unido também, inseparavelmente, aos êxitos do proletariado mundial no combate ao revisionismo contemporâneo. Foi você, camarada Enver, o primeiro a se levantar para acusar os renegados da revolução, com Nikita Kruschov à cabeça, que tentavam desorientar as massas trabalhadoras e sepultar os ideais do comunismo científico. Foi você, camarada Enver, o primeiro a verberar a conduta contra-revolucionária dos dirigentes chineses e a desmascarar o falso marxismo do pensamento Mao Tsetung. E foi ainda você, camarada Enver, um dos primeiros a revelar o caráter traidor do titismo iugoslavo que, a serviço da reação e do imperialismo, procurava confundir as fileiras do proletariado revolucionário.

Por tudo isso, os verdadeiros comunistas de todos os Continentes cerram fileiras na defesa da Albânia Socialista, unem-se compactamente ao Partido do Trabalho e ao seu grande chefe, o camarada Enver Hoxha.

Querido camarada.

Os comunistas brasileiros consideram você e o PTA seus melhores e sinceros amigos. Desde os primeiros momentos da nossa luta contra os revisionistas e pela reconstrução marxista-leninista do Partido Comunista do Brasil contamos com o apoio desinteressado e fraternal dos albaneses. Esse apoio foi e continua a ser um grande alento à luta pela emancipação nacional e social dos trabalhadores e do povo brasileiro. Forjou-se, assim, no decorrer destes vinte e um anos de reorganização partidária uma sólida e indestrutível amizade que une o PC do Brasil e o Partido do Trabalho da Albânia. Você, camarada Enver, foi dos principais artífices dessa amizade e união, união a amizade que muito prezamos e das quais nos orgulhamos.

Na data do vosso 75º aniversário, camarada Enver, temos o pensamento voltado para o exemplo valioso da vossa atuação revolucionária. Ela nos ensina a ser fiéis à classe operária, ao marxismo-leninismo, ao internacionalismo proletário. Estimula-nos a avançar confiantes no sentido de tornar vitoriosa a causa redentora do comunismo.

Receba camarada Enver nossas felicitações pela passagem do seu aniversário, juntamente com os votos que fazemos, de todo o coração, para que tenha uma longa vida, plena de alegrias, de realizações, de trabalho fecundo pelo bem do povo albanês e dos trabalhadores de todo o mundo.

São Paulo, outubro de 1983

João Amazonas, pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

IMPULSIONAR A CAMPANHA KARL MARX DE CONSTRUÇÃO PARTIDÁRIA

O momento político que vivemos e a grandiosidade das tarefas que se avizinham exigem que superemos rapidamente as nossas deficiências no plano organizativo para colocar o Partido à altura delas.

Vencido mais da metade do prazo para o cumprimento da campanha Karl Marx de construção partidária, os resultados obtidos estão muito aquém das necessidades e das possibilidades reais existentes para a ampliação e consolidação de nossas fileiras. Os objetivos apontados pelo Comitê Central são factíveis de serem alcançados se forem tomadas medidas práticas para a sua consecução.

O balanço parcial do plano revela alguns êxitos obtidos, apesar de parciais e limitados. Eles podem ser sintetizados no pequeno crescimento numérico a nível nacional, apesar de significativos avanços em alguns Estados; na criação de novas bases de empresas nas principais categorias operárias e na ampliação de outras já existentes; na extensão de nossas organizações a dezenas de novos municípios; em novos recrutamentos operários e camponeses que melhoram a composição social do Partido em alguns Estados; na ampliação do número de estudantes e jovens em nossas fileiras e no crescimento em número de militantes e células nos movimentos populares, particularmente nos bairros populosos das capitais e grandes cidades do interior.

Estes êxitos parciais, embora pequenos, indicam a possibilidade do cumprimento do Plano se nos concentrarmos em resolver os problemas políticos e orgânicos que vêm dificultando o rápido crescimento do Partido. Fazer um balanço profundo e criterioso desses entravés e encontrar as formas de superá-los é tarefa prioritária dos Comitês do Partido, em particular de seus núcleos dirigentes. É preciso menos discussão em torno da teoria de organização de forma abstrata, e mais um planejamento concreto para a implantação e consolidação do Partido onde é necessário e decisivo.

Não compreender a importância de fazer crescer os efetivos partidários, de capacitar politicamente os militantes e quadros, de melhorar a intervenção política do Partido nas lutas em curso, significa objetivamente subestimar o papel do proletariado como classe na solução dos problemas que afligem a Nação e o nosso povo. Neste momento em que a grave crise por que passa a nossa sociedade aproxima-a rapidamente do ponto de ruptura com o sistema responsável pelo descalabro em que vivemos, todas as classes e as forças políticas que as representam oferecem suas alternativas e se preparam avidamente para chegar ao Poder. O proletariado, através de seu Partido, vem apontando os processos e os meios capazes de resolver em profundidade a crise atual e abrir caminho para uma nova etapa na história da sociedade brasileira. Apontar a saída correta é importante. No entanto, isso por si não basta. São necessários os instrumentos que possibilitem a sua materialização. O Partido é o principal deles. Qualquer dúvida ou vacilação a esse respeito será importante fator negativo que em última instância poderá impedir o proletariado de cumprir o papel que lhe cabe historicamente no momento concreto que vivemos.

Rico e cheio de ensinamentos têm sido o período em que a campanha Karl Marx se desenvolve. Importantes lutas e movimentos sociais ocorreram, estão em curso e se avizinham. Greves de operários, lutas de camponeses em defesa de suas terras, greves de professores, estudantes, médicos e outras categorias profissionais, manifestações de rua de desempregados, protestos contra a elevação da carestia de vida, fazem parte já do nosso cotidiano. A greve geral de 21 de julho deu a esse processo nova dimensão e maior profundidade. Congressos, encontros, seminários e outras formas de reuniões em que a temática comum tem sido a condenação veemente e radical do governo e do Sistema, têm congregado os mais diferentes setores da sociedade.

Essas lutas e foruns de debate são o cenário principal em que o Partido atua e defende suas posições, influi em seu encaminhamento e direção. Se bem que cresceu bastante e de forma marcante a presença e a projeção dos comunistas no movimento sindical e no movimento estudantil, em muitos casos pouca ou quase nenhuma influência tivemos. Não por falta de proposta, mas fundamentalmente por nossa incapacidade física de intervenção. Em alguns movimentos não interviemos porque não existem comunistas organizados na área e em outros por não termos sob nossa direção entidades representativas de massas de peso. Estas deficiências e debilidades só as superaremos com a ampliação de nossos efetivos, a melhoria da capacitação política e ideológica dos militantes e quadros e a conquista da direção de influentes entidades de massas e *jamais* pelas lamentações e críticas aos que estão à frente das lutas e não sabem dirigí-las ou as desviam de seu rumo correto.

Outro aspecto importante da campanha Karl Marx é a implantação e construção do Partido nas ►

O Recrutamento no Partido Comunista e a Flutuação de seus Efetivos*

(O. Piatnitski)

Como se opera o recrutamento nos partidos comunistas? Os bolcheviques recrutam e recrutavam os operários revolucionários nas empresas. Somente após a tomada do poder os bolcheviques passaram a organizar as semanas de recrutamento, ou seja, campanhas determinadas que eram igualmente conduzidas nas empresas. Antes da revolução de Outubro, os bolcheviques recrutavam no curso da ação cotidiana. Os novos aderentes eram iniciados no trabalho do Partido e seguiam os círculos políticos.

Como se processa até agora o recrutamento nos partidos comunistas dos países capitalistas? O recrutamento é feito nos comícios e nas reuniões. Às vezes, mesmo na rua (Inglaterra). Um orador foi muito eloqüente, entusiasmou um operário, o qual pediu sua adesão e ingressou no Partido. Suponhamos mesmo que ele deu seu endereço. Entretanto, nossas organizações do Partido jamais se empenharam e não se empenham ainda hoje em se ligar com esses camaradas, em incluí-los na organização do Partido, em visitá-los em suas casas, em saber em que fábrica trabalham, a fim de ligá-los à célula de empresa ou à célula de bairro mais próxima. Antes que os partidos comunistas se decidam a fazer tal trabalho, muitos dos novos aderentes já sumiram: por mudança de endereço, por transferência de cidade ou mesmo por ter esfriado no que concerne à adesão à organização comunista. É precisamente pelo fato de o recrutamento ao Partido não ter lugar nas empresas, com base no trabalho da célula comunista da empresa, através da criação de um círculo de operários ativos sem-partido, destacando-se na ação cotidiana e sobretudo em momentos de greves e manifestações, onde a célula deve ganhar novos membros, que aqueles que nós já conquistamos nos abandonam. Eu poderia citar cifras surpreendentes que indicam a flutuação dos efetivos nos partidos comunistas. Em janeiro de 1930 o Partido comunista alemão tinha a cifra de 133.000 membros, em 1930 foram registrados 143.000 adesões. Assim, em 1931, o Partido devia ter 276.000 aderentes. Ao final de dezembro de 1930, não tinha mais que 180.000. Isto significa que ao longo do ano de 1930, 95.000 aderentes deixaram o Partido. Em 1931, a seção de organização do CE da Internacional Comunista, após as estatísticas do Partido comunista alemão, forneceu o dado de 210.000 novas adesões. Mas um contingente igual ao de 1930 saiu do Partido. Estes militantes teriam saído do Partido se suas organizações tivessem ►

* Publicado na revista – A Internacional Comunista nº 11 - *Maio 1932*

---

continuação da pag. 4

grandes empresas. A resolução sobre a política de organização aprovada pelo Congresso trata exaustivamente desse assunto. Se dúvida ainda persistisse, a greve geral do dia 21 de julho nos deu a prova cabal da importância da grande empresa no processo da luta de classes. Ficou igualmente comprovado que, nos momentos em que as contradições se aguçam e a luta se torna mais radical, as classes dominantes tudo fazem para impedir a eclosão de ações unitárias e conjuntas do proletariado e demais categorias de trabalhadores. A arma principal que usam nessas circunstâncias é a repressão policial, cercando as grandes empresas e impedindo a ação dos piquetes. A forma mais eficaz de superar essa dificuldade é a *ação por dentro,* a preparação dos operários ou trabalhadores para a greve dentro da empresa. Em São Paulo, no dia 21 de julho, a maioria das grandes empresas paralisaram graças ao trabalho por dentro. As que precisaram de piquetes para paralisar tiveram muita dificuldade devido ao forte esquema de repressão montado pela reação.

Por essa e outras experiências vividas, fica evidente que se o Partido não estiver implantado nas grandes empresas com células combativas e numerosas, sempre enfrentará grandes dificuldades na condução e direção das lutas, sejam de caráter econômico ou político.

A construção do Partido nas grandes empresas não é tarefa fácil de ser executada e jamais surgirá espontaneamente. Requer um planejamento específico que aborde os vários ângulos do problema: como abordar os operários (ou funcionários e trabalhadores tratando-se de empresas não fabris) da empresa em questão; que instrumentos utilizar; quantos camaradas destacar para a tarefa; que recursos de agitação e propaganda devem ser empregados, etc. O controle permanente e minucioso garantirá a boa execução e o êxito da tarefa.

O Partido está chamado, no presente, a cumprir o seu papel de força revolucionária de vanguarda. Colocarmo-nos à altura dessa exigência é a grandiosa tarefa de todo militante e dirigente. A campanha Karl Marx de construção tem esse objetivo. Cumprí-la integralmente é dar importante passo para o avanço da revolução.■

trabalhado bem, se elas tivessem se ocupado com os novos membros, se elas os tivessem feito participar do trabalho do Partido, se elas lhes tivessem indicado a literatura necessária e constituído círculos onde seus membros pudessem estudar? Nesse caso, teriam essas pessoas se colocado fora das fileiras do Partido? Não creio.

No momento em que os operários e os demais empregados são demitidos em massa, o recrutamento do Partido deve se dar sobretudo entre os operários das grandes empresas dos principais ramos da produção. É absolutamente necessário se ocupar dos membros do Partido dessas empresas e ramos da produção e sobretudo dos novos aderentes. É preciso estudar com eles as múltiplas questões da política corrente do Partido. É necessário ajudá-los a elaborar, examinando e repetindo com eles os discursos a serem feitos nas reuniões públicas, na propaganda oral entre os operários da fábrica, e municiá-los com uma abundante documentação contra os social-democratas, os reformistas, os nacional-socialistas, o governo, etc. Um trabalho semelhante deve ser feito com os militantes ativos encarregados da propaganda entre os desempregados e dentro dos sindicatos reformistas. Se um tal trabalho fosse feito, as defecções de antigos e de novos membros do Partido diminuiriam. O fato de milhares e dezenas de milhares de operários aderirem aos partidos comunistas e às organizações sindicais revolucionárias, demonstra que os operários se agrupam em torno das palavras de ordem, da tática e do programa dos partidos comunistas e das organizações de massa. Mas a vida interna das organizações locais e sua atividade não satisfazem os operários revolucionários e é por isso que uma grande parte dos novos recrutados deixa o Partido. Para os professores que ensinam nas escolas comunistas internacionais do Partido, assim como para os militantes ativos e quadros encarregados do trabalho do Partido, estas questões relacionadas com o recrutamento de novos aderentes e à sua manutenção dentro do Partido, estão longe de serem secundárias. É preciso dedicar a isso a maior atenção. É absolutamente necessário dedicar-se a elas. É possível que esses professores já tenham em conta os fenômenos que indiquei, mas o que afirmo é baseado na experiência, nos resultados obtidos. E nesse domínio constata-se que os partidos comunistas não têm sabido educar, até agora, os quadros indispensáveis a uma edificação racional da organização do Partido. ■

Em Defesa dos Direitos e da Completa Emancipação da Mulher

— Intervenção Especial no Congresso (6º) do Partido —

Camaradas:

Esta reunião se realiza num momento particularmente importante da história da luta da classe operária e de nosso povo pela liberdade. Vimos de um processo eleitoral quando a nação se levantou, pulando as barreiras dos casuísmos e da corrupção para dizer um não ao regime dos generais. E nas fileiras dos que foram aos palanques, às ruas, às praças, nessa dura batalha, milhares eram mulheres. Esta marcante presença feminina no processo eleitoral indica uma nova realidade. Cresce o papel da mulher na sociedade, o movimento feminino está em marcha. Cabe aos comunistas, como vanguarda revolucionária da luta emancipadora de nosso povo, interferir nesse processo para lhe dar conseqüência.

Durante esses últimos anos, o trabalho entre as mulheres foi tratado, entre nós, de forma marginal e esporádica. Quando discutíamos esse problema era motivado por algum acontecimento próximo e nos preparávamos apenas para intervir nele. O coletivo partidário ainda não deu a devida atenção ao debate da questão feminina, da sua importância para a luta da classe operária e das alternativas organizativas que se colocam para integrar as milhões de mulheres no movimento social em curso. Esse descaso com que temos tratado essa importante frente reflete a pouca compreensão que temos sobre ela.

A participação da mulher na vida política e social de nosso país, particularmente nos anos recentes, tem sido significativa. Desde a gloriosa luta da anistia encabeçada por um movimento feminino, passando pelas movimentações contra a carestia, pelas reivindicações por creche e pelas atividades na campanha eleitoral, as massas femininas marcaram o seu lugar na nossa história recente. A presença nos movimentos grevistas, nas manifestações de rua e na já histórica assembléia de 1º de maio, no ABC, indicaram a contribuição destacada que as mulheres podem dar à luta da classe operária. Representando mais da metade da população brasileira, elas são força decisiva em qualquer movimento de massa que se fizer em nosso país. Não se pode fazer transformação social radical sem que se garanta a participação de um número tão grande de explorados. "É impossível — indica Lênin — arrastar as massas para a política, sem introduzir na política as mulheres". E as lutas assumem um caráter mais vigoroso e massivo com a incorporação nela do elemento feminino. Tida como afeita ao lar, a presença da mulher nas ruas e nas praças dá grande amplitude a qualquer ato político. É ainda Lênin, chefe da revolução de outubro, que nos indica: "Não se pode assegurar a verdadeira liberdade, não se pode edificar a democracia — sem falar no socialismo — se não chamamos as mulheres ao serviço cívico, na milícia, na vida política, se não a tiramos da atmosfera brutal do lar e da cozinha".

Sob o capitalismo, a metade feminina do gênero humano sofre uma opressão dupla. E essa dupla

opressão torna a mulher mais sensível às propostas de mudança. Muitas são as mulheres que se vêm destacando nos movimentos sociais e em funções públicas. Muitas vêm conseguindo romper com a passividade que lhes é inculcada e se lançam em ações de grande coragem. O importante é saber como aproveitar esse potencial de rebeldia para comprometer a maioria das mulheres exploradas com a luta geral que está em curso e com os objetivos revolucionários da classe operária.

No trabalho para integrar as mulheres à luta revolucionária há barreiras a superar. A escravidão doméstica a que está submetida deixa-as com uma grande carga de atraso. O trabalho do lar obriga a mulher a se isolar das atividades sociais, culturais e políticas. E a deixa "debilitada, oprimida, embrutecida, humilhada pelas pequenas tarefas domésticas que a convertem em cozinheira e cuidadora de crianças, que desperdiça sua atividade em um trabalho absurdamente improdutivo, enervante, embrutecedor e fastidioso" (Lênin). Isso dificulta que a mulher tenha acesso a um convívio que possibilite o crescimento de sua consciência. E, por causa da ignorância, deixa-a vulnerável também aos preconceitos conservadores e até mesmo a propostas políticas atrasadas. É só lembrar a presença significativa das mulheres na marcha de apoio ao golpe de 64. Um intenso trabalho de esclarecimento precisa ser feito junto a essa parcela mais inconsciente, apoiando-se, principalmente, naquelas que já se lançaram ao mercado de trabalho, e que, em decorrência, compreendem com mais rapidez, a exploração e a dupla opressão a que ►

estão submetidas.

Por essas razões é absolutamente indispensável dar conseqüência à movimentação em curso das mulheres já despertas e arrancar da escravidão doméstica, as demais, fazendo avançar a sua consciência sobre a causa e a solução de seus problemas.

Vive-se hoje uma dupla situação. Ainda sobrevivem a discriminação jurídico-institucional e os preconceitos e tabus que rebaixam a condição feminina e marginalizam a mulher do convívio social. Ao mesmo tempo, importantes conquistas tomam corpo, fruto das mobilizações das mulheres e dos avanços das idéias políticas progressistas.

Essa complexa situação reflete bem as imensas barreiras que a mulher enfrenta na sua luta emancipacionista. "Diz-se que o nível de um povo se caracteriza melhor pela situação jurídica da mulher. Há nesta fórmula um fragmento de profunda verdade", afirma Lênin. Em nosso país, os reflexos da discriminação geral enfrentada pelas massas femininas chegam a se expressar em aberrações da legislação vigente e em costumes profundamente arraigados. Um exemplo disso é o Código Civil que atribui ao marido a qualidade de "chefe da sociedade conjugal" e, como tal, administrador exclusivo dos bens do matrimônio e até dos particulares da mulher. Na atividade jurídica criminal é por demais conhecida a figura da legítima defesa da honra para inocentar assassinos de mulheres, e o degradante argumento de "insinuação sedutora" para justificar estrupadores. Essa desigualdade de direitos já levou à luta mulheres como d. Francisca Senhorinha da Mota Diniz que, em 1890, já dizia nas páginas de um jornal feminista que criara em Campanha de Minas: "Desejamos que os senhores do sexo forte saibam que se nos podem mandar, em suas leis, subir ao cadafalso, mesmo pelas idéias políticas que tivemos... também nos devem a justiça de igualdade de direitos...".

A luta da mulher para ver reconhecidos os seus direitos esteve intimamente ligada à luta democrática de nosso povo. Com o movimento de 1930 conquista-se o direito de voto e em 1932 surge a primeira legislação protetora do trabalho feminino. Somente a partir de 1943 a mulher passou a gozar do direito de trabalhar livremente sem autorização do esposo, embora o artigo 446 da CLT se refira ao direito do pai ou marido de opor-se ao trabalho da mulher, assistindo a esta o recurso à justiça se quiser fazer prevalecer seus direitos.

Mais recentemente, a lei do divórcio representou importante conquista para a mulher que vivia sufocada pelos preconceitos contra as separadas e pela camisa de força de um casamento que só impunha a monogamia para uma das partes.

Avanços foram conquistados na superação de certos preconceitos. A mulher passou a ocupar, com mais freqüência, cargos de chefia e funções públicas. Diminuiu o peso do tabu da virgindade, o controle das filhas por parte dos pais e a discriminação contra a mulher separada do marido.

Apesar de significarem um passo além, estas conquistas ainda são muito limitadas. E estão longe de representar a verdadeira emancipação. Não podemos contentar-nos com a igualdade puramente ►

formal. Nosso dever é lutar pela igualdade econômica e social da mulher. "Fazer a mulher participar do trabalho produtivo social, libertando-a da escravidão doméstica, libertando-a do jugo bruto e humilhante, eterno e exclusivo, da cozinha e do quarto dos filhos, eis a tarefa principal" (Lênin). Mas não será nos marcos do sistema capitalista que a mulher se libertará de sua histórica opressão. As bases para a sua participação na produção social foram criadas com o advento da grande indústria moderna. Com a superação da manufatura, a força motora foi transferida dos músculos do trabalhador para a máquina, abrindo caminho para a introdução de mulheres e crianças no processo produtivo. "Quão terrível e degradante a dissolução dos velhos laços familiares possa parecer no sistema capitalista, a moderna indústria, ao atribuir importante papel às mulheres, jovens e crianças de ambos os sexos, no processo de produção fora da esfera doméstica, de fato cria um novo fundamento para uma forma mais elevada de família e de relação entre os sexos" (Marx).

A grande barreira é que o capitalista usa a incorporação da mulher na grande indústria de forma que lhe seja vantajosa, em detrimento dos interesses dos operários e, principalmente, apoiando-se nos fatores de discriminação anteriores. Esta discriminação começa antes mesmo de a mulher entrar na empresa. Para ser admitida ela é submetida a testes de gravidez, a um rigoroso interrogatório sobre sua vida pessoal e a vários tipos de testes para verificar suas habilidades manuais. Há casos mais gritantes, como na empresa estatal mineira CEMIG que, aproveitando-se da crise, exige, em funções menos remuneradas, que a mulher seja esterilizada, isto é, tenha feito a ligação de trompas.

Se é casada ou tem filhos, quase nunca irá conseguir emprego em fábrica ou comércio. Por isso, muitas vezes, tem de se submeter a trabalhar sem carteira assinada, por um salário mais baixo dos já estipulados. A discriminação nos salários chega ao ponto de que em algumas indústrias, quando o pagamento é feito por produção, a taxa é menor para a mulher. Em março de 1982, as trabalhadoras que faziam a limpeza urbana em Belo Horizonte ganhavam 11 mil cruzeiros, enquanto os homens, pelo mesmo trabalho, recebiam 19 mil cruzeiros.

A par dessa discriminação direta, a mulher trabalhadora ainda enfrenta a completa inexistência de apoio no que diz respeito à assistência materno-infantil e de refeitórios e lavanderias públicas que pudessem diminuir as energias gastas nas tarefas domésticas.

Sob o capitalismo, pois, a mulher não conquistará a sua verdadeira emancipação. "A verdadeira libertação da mulher, o verdadeiro comunismo, não começarão antes do início da luta das massas, dirigidas pelo proletariado no poder, contra esta pequena economia doméstica, ou mais exatamente, na hora de sua transformação maciça em grande economia socialista" (Lênin). Somente no socialismo poderá haver igualdade de direitos, porque o novo regime social transmite as funções econômicas e educativas da vida doméstica individual para a sociedade. Sob o novo regime, transformações radicais na técnica e nos costumes são introduzidos para possibilitar a participação da mulher na produção social, em igualdade de direitos, arrancando-a da escravidão doméstica. Exatamente por isto, a causa da emancipação da mulher está intimamente vinculada à emancipação da classe operária. "O proletariado não poderá emancipar-se completamente se não conquistar para as mulheres uma liberdade completa" (Lênin).

Mas a luta pela superação da velha sociedade e pela conquista da nova não pode ficar só em declarações formais de intenção. É preciso vincular a luta pela conquista do poder do Estado aos sofrimentos, às necessidades e às aspirações das mulheres. E isto só é possível participando das suas lutas concretas e cotidianas.

POR UM MOVIMENTO DE MULHERES AMPLO E PROGRESSISTA

A organização da mulher vem avançando na medida em que surgem e se ampliam as lutas por seus objetivos imediatos e pela democracia. Crescem os movimentos por creche, as organizações que combatem a violência, os centros de estudo sobre a mulher. Criam-se associações femininas nos bairros, as uniões de mulheres, as federações.

Todos esses movimentos e organizações significam valiosa conquista. Eles têm ajudado a fazer avançar a compreensão dos problemas que envolvem a mulher e da necessidade de sua urgente superação. É fruto de sua atuação geral e do avanço das idéias políticas progressistas o novo papel que a mulher conquistou na sociedade. Apesar disso, essas organizações femininas pouco representam se comparadas com as milhões de mulheres já se incorporaram ao movimento social e político em curso no nosso país. É necessário, pois, compreender quê dificuldades existem para que as massas femininas consigam agrupar-se em suas organizações autônomas que deverão ser massivas e poderosas.

Indiscutivelmente, o regime militar que, em 1964, iniciou o combate à liberdade, à democracia, ao livre debate, só ajudou a manter o atraso de parcelas significativas das mulheres já sufocadas pela atmosfera brutal de suas tarefas caseiras. Impulsionadas pelas dificuldades, elas se lançam às lutas. Mas ainda lhes falta a compreensão da necessidade de se organizarem para dar continuidade e conseqüência às suas movimentações.

Merece destaque a análise do papel que os encontros e congressos dos anos recentes têm desempenhado na organização da mulher. Em geral, com comparecimento massivo e de grande presença popular, esses eventos têm demonstrado o quanto a mulher está sensibilizada a participar da vida política e social de nosso país. No entanto, por terem em suas coordenações diferentes concepções sobre o problema, eles têm sido, muito mais, foruns de grandes e falsas polêmicas, do que da busca de uma ação comum. A

tendência a colocar no centro a criação de uma possível organização unitária de todas as mulheres, quando existem diferenças tão marcantes de classe e de concepções, tem transformado esses encontros em palcos de conflitos e de manipulações. Sem sombra de dúvida, é legítima a busca de uma ação unitária que possa envolver as diversas organizações femininas dos setores explorados do povo. Mas isso não nos pode levar a defender uma organização feminina eclética, da qual façam parte variados grupos e correntes, cuja ação será inviabilizada pelas disputas internas. As mulheres não são uma classe. As operárias têm interesses fundamentais inteiramente diversos das mulheres das classes dominantes. Estas não sofrem a dupla opressão, embora pese sobre elas a discriminação por sua condição feminina. A questão fundamental para o movimento feminino é hoje o problema do caminho a trilhar para a completa emancipação da mulher. E isto divide irremediavelmente as mulheres exploradas das que integram as classes dominantes. Divide também, mesmo certos setores explorados que insistem em abordar o problema da mulher sob a ótica da luta entre os sexos.

Aspecto importante que vem dificultando o avanço organizativo das mulheres é a ação ainda tímida das organizações que defendem a concepção emancipacionista. Tendo como centro a luta contra toda discriminação que impede ou limita a participação da mulher na produção social e na luta de classes, as emancipacionistas representam a esperança de um amplo e progressista movimento feminino.

As diversas organizações e movimentos femininos existentes hoje em nosso país são formados por variadas concepções.

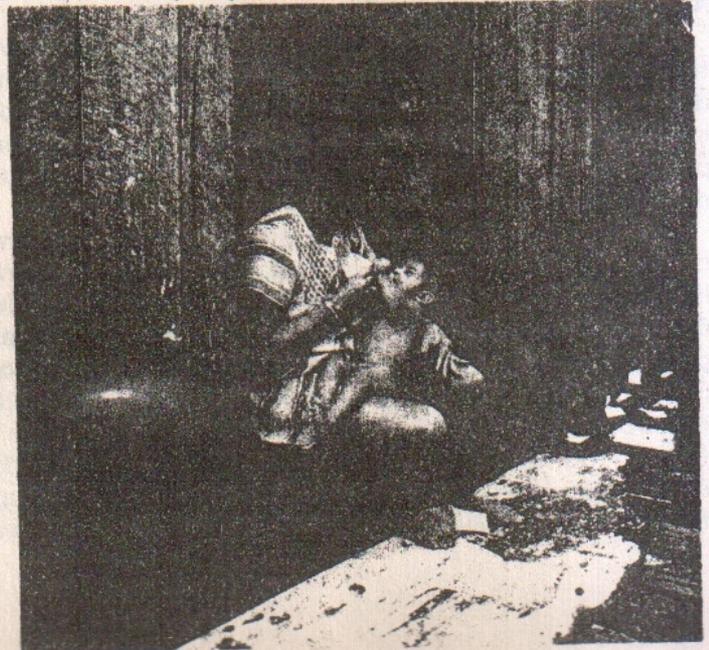
Há algumas ativistas desses movimentos que abordam o problema da mulher sob o ângulo da luta entre os sexos. Consideram que está na dominação masculina a principal causa das discriminações. E, em decorrência, dão destaque às reivindicações vinculadas às relações homem x mulher. Não se preocupam em dar caráter massivo às suas organizações que, em geral, se constituem de pequenos grupos, mais inclinados ao debate do que às movimentações. Nem procuram levar a mulher a participar das lutas gerais da sociedade.

Esta visão só reforça a concepção burguesa que trata a mulher como um ser historicamente "diferente", ao dar prioridade a considerações de ordem biológica. E impede ou dificulta a solução real do problema, já que a dominação masculina é originária de fatores sociais e só terminará quando esses condicionantes deixarem de existir.

A mulher não nasceu destinada à submissão nem é, por natureza, um ser inferior. Nos tempos iniciais da história humana ela dividia com os homens a responsabilidade da produção dos meios de existência. Por isso mesmo, gozava dos direitos comuns aos componentes das tribos. Mas, ligada à produção dentro de casa, enquanto os homens atuavam fora do ambiente doméstico, a mulher presenciou o surgimento de um excedente de bens produzidos nas mãos masculinas. "Na medida em que a riqueza crescia, a posição do homem na família tornava-se mais importante do que a das mulheres e (...) criava um impulso à exploração desta posição" (Engels). Isto fez com que os homens procurassem reverter a ordem tradicional da herança, acabando o direito materno e introduzindo-se o casamento monogâmico como uma necessidade decorrente desses interesses. Com isso, "o primeiro antagonismo de classe que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia, e a primeira opressão de classe coincide com a opressão do sexo feminino pelo sexo masculino" (Engels).

A especificidade da opressão feminina está intimamente vinculada à posição que ela ocupa na produção. Só quando ela puder participar do trabalho produtivo social com os mesmos direitos e nas mesmas condições que os homens, se criarão as condições para acabar, de uma vez por todas, com a histórica discriminação. Por isso, os que têm interesse real na completa emancipação da mulher abordam os seus problemas sob uma forma mais ampla.

Há as ativistas que diluem o problema específico da mulher reduzindo, na prática, suas lutas e bandeiras às questões gerais. Não dão importância à sua organização autônoma, considerando que esta se faz dentro das organizações de massa já existentes, através de departamentos femininos. Não temos dúvida de que as mulheres já participam e continuarão participando dos sindicatos, associações de moradores e demais entidades classistas e democráticas. Mas, estes não são os foruns indicados para a abordagem do problema global da discriminação que pesa sobre a mulher. O departamento feminino de um sindicato, por exemplo, atua no sentido de incorporar as trabalhadoras nas lutas travadas por sua categoria. Ele procura combater a discriminação que se dá nas relações de trabalho. Mesmo as demais associações existem em função de problemas conjuntos vividos por homens e mulheres de um determinado setor, de uma determinada categoria, em torno de determinado interesse comum. Querer reduzir o debate da questão feminina, querer limitar a organização das mulheres a este nível é, na prática, negar o problema e não tratá-

lo com a devida importância que ele merece. Apesar dos discursos em contrário, procura-se negar a especificidade da condição feminina e a existência real da dominação masculina, contra a qual é preciso travar, no plano das idéias, dura luta. A acumulação de riquezas pelo homem juntamente com a necessidade do casamento monogâmico para garantir o direito de herança foi, para Engels, "a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução".

Dentro do movimento feminino, em nosso país, começam a surgir e ganhar corpo núcleos de mulheres que, ao lado da luta em torno dos interesses imediatos e específicos, procuram levar à frente a luta pela sua completa emancipação. Compreendem a correta ligação da luta feminina com a luta geral. Colocam como centro de sua preocupação o combate a toda discriminação que impede ou limita a participação da mulher no processo social. Toma como base os problemas mais sentidos das massas femininas. Procura mobilizá-las em torno de seus interesses imediatos. Ao mesmo tempo, desenvolve em seu seio a consciência da verdadeira causa da dupla opressão. E integra todo esse movimento nas lutas gerais em curso na sociedade.

Esta corrente emancipacionista representa a esperança de um amplo e progressista movimento de mulheres. E inspirada por ela, surgem e se ampliam, em nosso país, as Uniões de Mulheres. São organizações autônomas que, embora tendo uma proposta própria, não se isolam das lutas e dos acontecimentos comuns. Procuram atrair o maior número de mulheres, de todos os setores, dando atenção especial às mulheres operárias.

Nesse processo de implantação, as Uniões de Mulheres estão realizando seu aprendizado. Algumas debilidades ainda representam barreira para que elas se transformem em verdadeira referência para o movimento feminino. É preciso compreendê-las como organização ampla e de massas. E atrair um maior número de mulheres para suas fileiras. Não pode haver restrições à filiação, desde que haja concordância com o seu programa. É incalculável o número de mulheres que, nos bairros ou empresas, tiveram algum nível de participação, embora não tenham, em certa medida, rompido com seu atraso político. Compreender a importância de atrair essas e outras companheiras, romper com a estreiteza do círculo de amigos e conhecidos é um desafio que se apresenta para essas organizações.

No trabalho de ampliação é necessário entendermos o papel que joga a integração das Uniões de Mulheres nas lutas concretas que se desenvolvem, particularmente nos bairros e nas empresas que empregam mão-de-obra feminina. São constantes as movimentações por creches, por uma melhor assistência materno-infantil, contra violências, manifestações por direitos políticos. É preciso estar participando e apoiando essas lutas, para essas organizações possam ter uma característica marcadamente combativa.

Na estruturação das Uniões urge romper com a tendência espontaneísta que muitas vezes leva a uma grande desorganização. As diretorias devem ter vida regular, funcionamento organizado e, sede conhecida. Sem essa base mínima fica difícil agregar as massas de mulheres espalhadas nos municípios ou regiões.

Grande importância têm as iniciativas unitárias que levam as diversas organizações femininas a se expressarem, conjuntamente, em torno de certos acontecimentos ou reivindicações concretas. Essas iniciativas unificadas cumprem papel significativo na integração do movimento feminino ao processo político geral.

IMPULSIONAR AS LUTAS, ORGANIZAR AS MULHERES

No quadro de crise em que se encontra a nação, assumem destaque especial as lutas dos explorados para se livrarem da miséria e da opressão. É preciso acompanhá-las atentamente para lhes dar conseqüência e elevar o seu nível. No que diz respeito às lutas femininas, é preciso levar em conta aquelas questões que as sensibilizam mais a cada momento e em cada lugar.

Particular atenção merece a luta por creches. Historicamente vinculada às necessidades da mulher trabalhadora, é uma das condições para a sua integração no trabalho produtivo social. Nas grandes capitais, onde a concentração industrial é maior e onde a participação da mulher na força de trabalho cresce a cada dia, vigorosos movimentos por creche têm surgido. Devemos ter presente que esta luta deve desenvolver-se no sentido de exigir do governo e das empresas sua manutenção. Apesar de representarem um grande esforço na luta pela solução dos problemas, as creches comunitárias não devem ser reproduzidas em larga escala. Elas sugam as energias da comunidade já carente e dão possibilidade ao governo de tomar medidas demagógicas no terreno, fugindo da solução real do problema.

A bandeira de salário igual para trabalho igual e a de acesso aos cargos de chefia, assume uma importância especial, principalmente, entre as profissionais, liberais e as funcionárias públicas. Na indústria, a igualdade de salários reivindicada pela mulher encontra aliados entre os próprios operários, já que os patrões têm usado, insistentemente, essa desigualdade para dividir os trabalhadores.

Dentro das empresas, é necessário estimular a resistência da mulher trabalhadora ao tratamento discriminatório que recebe. Desde o combate aos testes de gravidez vexatórios, que em algumas empresas são realizados regularmente, até o direito a condições de higiene compatíveis e o combate a atitudes desrespeitosas de certas chefias.

Ao desenvolver a sua atividade sindical, a mulher trabalhadora se esforçará para comprometer as diretorias sindicais e a própria categoria com as reivindicações que defende. Importante papel cumprem

os departamentos femininos dos sindicatos. A sua tarefa fundamental é incorporar as massas femininas nas lutas de sua categoria. Para isso é necessário que esses departamentos acompanhem, com grande conhecimento, as discriminações que pesam sobre a mulher trabalhadora de sua categoria. Tragam, para dentro do sindicato, essas discriminações e estimulem a luta na empresa contra elas.

No que diz respeito às condições de assistência à maternidade, devemos estar atentos às perseguições que são feitas à trabalhadora grávida e às reivindicações por orientações e recursos para um correto planejamento familiar. Combateremos o controle da natalidade imposto pelo governo, pelo seu caráter anti-social e de riscos à saúde que ele representa. Ao mesmo tempo, exigiremos a ampliação da rede oficial de atendimento à gestante e a criação de postos de orientação e recursos.

Destaque deve ser dado à luta pelos direitos políticos da mulher. Como dizia Engels: "o caráter particular da predominância do homem sobre a mulher, na família moderna, e a necessidade de se estabelecer, entre eles, uma igualdade social autêntica, não serão plenamente postos à luz enquanto os dois sexos não tiverem juridicamente direitos iguais em absoluto". Neste momento, em nosso país, esta luta se materializa na defesa do projeto de Sílvia Pimentel, apresentado pela deputada Cristina Tavares ao Congresso Nacional, projeto este que modifica o Estatuto Civil da mulher brasileira. Ele pretende alterar o Código Civil nos dispositivos que regulam os direitos e obrigações da mulher, sobretudo da mulher casada. Elimina qualquer supremacia, ainda que formal, de um cônjuge sobre outro. As alterações fundamentais são as seguintes: em nome da igualdade dos sexos acaba com a chefia da sociedade conjugal, que deixa de ser do marido e passa a ser dos dois. Em nome da eqüidade, retira do marido o direito de administrar exclusivamente os bens do casal, inclusive o de receber as rendas desses bens. Na adoção do sobrenome no matrimônio haverá livre escolha. Acaba com o pátrio poder substituindo-o pelo conceito de autoridade parental. Na educação dos filhos a palavra final não será mais do marido. Por fim, elimina dispositivos do código que colocam a virgindade da mulher como qualidade essencial da pessoa. E no que diz respeito às pensões, em caso de separação, o direito tanto poderá ser do homem como da mulher.

Em cada lugar e em toda situação deve-se procurar ampliar a participação da mulher nas lutas gerais em curso. Iniciativas especiais são necessárias para possibilitar e favorecer essa participação, como na luta contra a carestia que vem encontrando, na dona de casa, seu principal elemento impulsionador.

O movimento de mulheres não pode ser indiferente às lutas políticas em curso. Além da opressão capitalista, sofremos a opressão de um regime arbitrário que cerceia a liberdade. Na luta por seus direitos, a mulher brasileira se defronta, hoje, com as restrições políticas que pesam sobre todo o povo. A necessidade de se organizar, de se expressar livremente, de debater entre si e com a sociedade os seus problemas mais fundos, enfrenta a quase inexistência de um espaço democrático onde isso possa realizar-se. Por isso, o movimento de mulheres integra a luta, em curso no país, para pôr fim ao regime militar, responsável pela legislação arbitrária e o aparato policial que procura impedir a ação política ampla. E deseja a reorganização de toda a vida do país, onde o povo terá efetiva participação, através de uma Assembléia Nacional Constituinte, livre e soberana.

É necessário combater, sistematicamente, todos os preconceitos e tabus que marginalizam as mulheres do convívio social. A discriminação histórica, reforçada hoje pela burguesia, reproduz-se com muita força, nas relações entre o homem e a mulher. "O homem de nossos dias, na maioria dos casos, se ganha o suficiente para o sustento da família, e isto lhe dá um lugar preponderante que não precisa de ser privilegiado por lei, torna-se, em relação à mulher, um burguês e a mulher, em relação a ele, a proletária" (Engels). Muitas são as atitudes e comportamentos que para a mulher são condenados, constituem uma desonra, enquanto para o homem são motivo de orgulho. Desde pequena a mulher é tida como o sexo frágil, devendo submeter-se ao sexo forte representado pelo homem. E na esteira desse raciocínio o homem vê a mulher como sua propriedade e ele passa a querer ser dono da sua vontade, dos seus pensamentos, das suas ações e do seu corpo. Impede a mulher de sair do ambiente doméstico, exige disponibilidade permanente nas relações sexuais e "docilidade e submissão" ao chegar em casa.

Encontramos até mesmo na parcela mais combativa do proletariado e de outros setores sociais atitudes discriminatórias que indicam uma relação de senhor. A manutenção da divisão sexual do trabalho dentro do lar, onde a mulher fica com todos os encargos domésticos, é uma demonstração disto. Esta situação, que onera profundamente as massas femininas, limitando a sua participação social, merece rigorosa vigilância e o combate fraternal, mas permanente.

Para ser arrancada da submissão, muitas vezes assumida, a mulher precisa compreender que os seus problemas não têm origem na atitude opressora do homem. Faz-se necessário um permanente trabalho político de propaganda em todos os grupos de mulheres existentes. A utilização de publicações específicas pode dar contribuição significativa nesse campo.

Destaque especial deve ser dado à educação socialista da mulher trabalhadora. Compreendendo a relação de sua situação de discriminação, não só pela sua condição feminina, como também pela classe a que pertence, ela será um elemento impulsionador das lutas da classe operária pela sua emancipação. Essa educação tem que ser apoiada na atividade de agitação e propaganda do Partido. Por isso, os materiais editados devem dar mais espaço ao trabalho feminino.

A compreensão do papel que jogam as milhões de mulheres na transformação de nossa sociedade é fator indispensável para que o Partido vanguardie as massas femininas rumo à sua completa emancipação.■

MARCO NA LUTA EM DEFESA DO PARTIDO

O Partido Comunista do Brasil, desde a sua fundação, em 25 de março de 1922, enfrentou com êxito várias dificuldades e vicissitudes, em conseqüência da mais violenta e feroz repressão, levada a efeito pelas classes dominantes, devido à sua falta de experiência, cometendo erros involuntários, pela infiltração em suas fileiras de idéias nocivas, contrárias aos interesses do proletariado e da revolução, trazidas por pessoas, conscientes ou não, que contribuíam para dificultar a ação do Partido junto à classe operária e ao povo, idéias, posições e procedimentos práticos que corroíam e abalavam a sua disciplina e unidade. Com tais ações colocavam em perigo sua própria existência.

De todos esses embates, o Partido, utilizando a eficiente arma do método dialético materialista e a teoria marxista-leninista, saiu vitorioso. Mais temperado e aguerrido. Aprendeu no fragor dos próprios combates e fortaleceu-se. Elevou os seus conhecimentos políticos, ideológicos e teóricos para enfrentar novas batalhas, umas de curta duração já superadas, outras mais prolongadas e que só terminarão com o desaparecimento definitivo das causas que lhe dão origem. Isto só acontecerá quando cessar a luta de classes, quando estas deixarem de existir. Com o seu desaparecimento também deixarão de atuar as contradições antagônicas que se verificam atualmente entre exploradores e explorados, entre o capital e o trabalho.

As maiores e mais perniciosas dificuldades que o Partido teve de enfrentar foram na luta contra as idéias estranhas ao proletariado e contra elementos portadores de tais idéias revisionistas e liquidacionistas que pretendiam rever o marxismo-leninismo, escoimando-o de todo o conteúdo revolucionário, procedimento que equivaleria à liquidação do próprio Partido. As pretensões de tais elementos não eram casuais e nem isoladas, elas refletiam os interesses das classes dominantes, não apenas de um país, mas de todos os países capitalistas do mundo e na medida em que a crise geral do sistema capitalista se agrava, maior é a sua ofensiva através das mais diferentes formas, aliciando e corrompendo pessoas que possam enganar os povos, procurando semear a confusão no movimento revolucionário mundial.

Esta pretensão e atividade das classes dominantes e seus agentes é tão antiga quanto é a sua existência. Porém, a sua preocupação aumentou e desenvolveu-se mais quando a classe operária se desenvolveu e procura ocupar o lugar que lhe cabe na história, de transformar o mundo, para acabar com as injustiças, com as guerras entre as nações, com a miséria, com o desemprego e com a exploração do homem pelo homem.

As classes dominantes, na impossibilidade de liquidar, só pelo uso da violência, o movimento revolucionário, que se orienta pelas idéias invencíveis dos grandes pensadores revolucionários Karl Marx, Frederic Engels, Lênin e Stálin, procuram por todos os meios ao seu alcance, solapar por dentro e desviá-lo do seu caminho correto, por meio das mais variados expedientes, preparando e corrompendo indivíduos inescrupulosos com toda sorte de facilidades, bons empregos, polpudos negócios e até grande importância em dólares vindos do estrangeiro. O método de corrupção é utilizado no mundo todo pelos capitalistas, em todos os ramos de atividades particularmente nos meios de comunicação, na arte, na cultura, na imprensa escrita, falada e televisada, para confundir as mentes das pessoas menos avisadas, e dividir os movimentos populares, em particular o movimento operário.

O Partido Comunista do Brasil durante os 61 anos de sua vida, passou entre muitas, por duas grandes provas, a primeira delas de natureza liquidacionista aberta no início da década de 40, quando os imperialistas, tendo à frente os norte-americanos, empreenderam uma grande ofensiva contra os partidos revolucionários, particularmente nas Américas e sobretudo no Brasil. Essa onda liquidacionista foi iniciada nos próprios Estados Unidos da América do Norte, onde então Earl Browder, que era presidente do Partido Comunista dos Estados Unidos da América do Norte, agente dos grandes grupos imperialistas, infiltrado no movimento revolucionário, como mais tarde ficou provado ser alto funcionário da C.I.A. (Serviço de Espionagem dos Estados Unidos em todo o mundo), começou liquidando o Partido Comunista dos Estados Unidos da América do Norte, transformando-o em União Cultural dos Comunistas, por volta dos fins de 1940 ou princípios de 1941.

Para tal empreitada foram utilizados vários argumentos, mas o principal era de que o Partido Comunista dificultava o esforço de guerra do povo americano.

Este procedimento teve grande repercussão no movimento revolucionário brasileiro, que por sua vez se refletiria com muita força no Partido Comunista do Brasil, particularmente entre os elementos oriundos da pequena burguesia que passaram a defender as posições browderistas. Também aqui os argumentos dos liquidacionistas eram do mesmo diapasão. Diziam eles em suas prédicas que a existência do Partido Comunista era uma provocação que dificultava a ampliação da frente única e atrapalhava a União Nacional para enfrentar a guerra contra o nazi-facismo e que o dever dos comunistas era unicamente apoiar e submeter-se ao governo.

O principal porta-voz dos liquidacionistas era Fernando Lacer-

Mensagem do PC do DAOMÉ

Queridos camaradas,

É com alegria que tomamos conhecimento da realização do Congresso de vosso Partido. Depois de muitos anos de luta clandestina, de perseguição, de repressão e de exílio de muitos de seus dirigentes, a reunião do Congresso de vosso Partido é não apenas uma vitória do PC do B, mas também de todo o movimento comunista internacional. Este Congresso contribuirá igualmente para ampliar as vitórias alcançadas por vosso Partido em sua luta pela instauração completa da democracia, trampolim para o estabelecimento de um poder popular. Nosso Partido sempre acompanhou com interesse as lutas do PC do B e nós nos alegramos pelas vitórias que ele alcança na aplicação de sua linha política.

VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO!
VIVA A UNIDADE ENTRE O PCD E O PC DO B!

O Comitê Central do Partido Comunista do Daomé.

Mensagem do PC do Japão (de Esquerda)

Por motivo da realização do 6º Congresso, o Comitê Central do nosso Partido recebeu uma mensagem do Comitê Central do Partido Comunista do Japão (de Esquerda), que afirma entre outras coisas:

Queridos Camaradas,

Enviamos nossas calorosas saudações ao Sexto Congresso do vosso Partido que concluiu com sucesso todos os seus trabalhos. Esperamos ardentemente que as atividades de vosso Partido, baseadas nas decisões do Sexto Congresso, trarão proximamente um novo salto no rumo da revolução do Brasil.

Com as mais ardentes saudações revolucionárias,
O Comitê Central do Partido Comunista do Japão (de Esquerda).

---

continuação da pag. 13

da que fora representante do Partido na III Internacional e que chegava da União Soviética via Estados Unidos. Em 1942, deu uma entrevista à revista DIRETRIZES, de Samuel Wainer, publicada no seu primeiro número, declarando extinto o Partido Comunista do Brasil. Essa entrevista repercutiu em vários pontos do país, em São Paulo, em Santo André, Rio e Recife, principalmente entre alguns intelectuais.

Mas foi entre os presos políticos da Ilha Grande que encontrou o maior número de defensores, entre os quais Agildo Barata, Carlos Marighela, José Maria Crispim, Gregório Bezerra, Carlos da Costa Leite, Pedro Mota Lima e Agliberto de Azevedo. Estes elementos não queriam nem ouvir falar da reorganização do Partido, destratavam os que o defendiam. Provocaram a divisão dos presos. Atacavam os camaradas da C.N.O.P. (Comissão Nacional de Organização do Partido) da qual participavam entre outros, os camaradas João Amazonas, Maurício Grabóis e Pedro Pomar, procurando desmoralizá-los. Nesta luta venceu o marxismo-leninismo.

Em 1943, em agosto, realizava-se, na mais rigorosa clandestinidade, vitoriosamente, a Conferência da Mantiqueira, que reorganizou o Partido, apesar da mais feroz repressão do Estado Novo.

Com a anistia, em 18 de abril de 1945, os principais elementos liquidacionistas foram levados por Luís Carlos Prestes para o Comitê Central, sem que pelo menos tivessem feito auto-crítica.

Com o surgimento do revisionismo contemporâneo de Tito em 1949 e de Kruschov em 1954, novas versões mais requintadas do liquidacionismo de Browder, todos os liquidacionistas brasileiros de 1942, com Prestes à frente, se colocaram a seu serviço. Quiseram liquidar o Partido revolucionário da classe operária, mudar a sua cor vermelha, procurando desmoralizá-lo. Não conseguiram. Venceu mais uma vez o marxismo-leninismo.

A Conferência da Mantiqueira de agosto de 1943, tal como a Conferência Nacional de reorganização do Partido que se realizou em 18 de fevereiro de 1962, é uma afirmação irrefutável de que o Partido Comunista do Brasil é invencível.

A sua existência decorre de uma necessidade histórica objetiva para fazer a revolução, motivo pelo qual não houve, não há e não haverá força capaz de liquidá-lo.

J. D.

MENSAGEM DO CR DO PARTIDO NO RIO GRANDE DO SUL

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil,

Em sua última reunião, o Pleno do Comitê Regional do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul saudou, com grande entusiasmo revolucionário, a exitosa realização do Congresso de nosso Partido. Ele assinalou a afirmação do marxismo-leninismo no Brasil e a vitalidade da organização de vanguarda do proletariado em nosso país.

Esta é uma vitória que vem de fevereiro de 1962, quando uma centena de comunistas decidiu, em momentos tão difíceis, reorganizar seu partido, derrotando a traição vergonhosa dos revisionistas capitaneados por Prestes. Na aparência tudo parecia dar razão aos que regateavam com a reação, abrindo mão de princípios fundamentais da doutrina do proletariado, em troca de pretensas concessões dos inimigos. Não tardou e a vida demonstrou, como alertavam então os comunistas, que a traição dos revisionistas custaria caro aos trabalhadores brasileiros.

Hoje assistimos à projeção daqueles acontecimentos: os comunistas persistiram ao lado dos interesses estratégicos e táticos da classe operária, vivenciando com ela, a todo instante, sem correr da raia, as tormentas da luta de classes. Muitas vidas preciosas se foram, trucidadas furiosamente, nos cárceres e no campo de batalha, pelos algozes do capital, do atraso social, do obscurantismo. Vidas ceifadas brutalmente, mas que não se perderam, pois o Partido Comunista do Brasil é imbatível, indestrutível, como o é sua classe e sua doutrina científica. Assim demonstra o Congresso que o Partido vem de concluir em condições tão adversas, dando provas de maturidade, firmeza e determinação. Foi um Congresso de um partido que, por sua experência e pela coerência de sua atuação, se credencia cada vez mais na direção dos trabalhadores brasileiros, na defesa dos interesses presentes da classe operária e de seu futuro socialista.

Os revisionistas e demais oportunistas, ao contrário, desmoralizam-se, dividem-se nos mais diferentes agrupamentos, às voltas com disputas intestinas, que nada têm a ver com a luta objetiva da classe operária e de nosso povo. Como ontem, continuam difundido a confusão ideológica, retardando a derrocada final do capitalismo.

Avulta, assim, a realização do Congresso de nosso Partido, acontecimento político de relevante importância para o movimento operário e comunista no Brasil.

O Pleno do Comitê Regional do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul saúda os membros do Comitê Central do Partido eleitos no Congresso. Neles deposita toda a sua confiança, na certeza de que correspondem à expectativa do coletivo partidário. Juntos, dirigentes e militantes de base, continuaremos a levar adiante o archote da revolução emancipadora da classe operária brasileira, de todo o povo brasileiro.

O Pleno do Comitê Regional do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Sul saúda em especial o camarada João Amazonas, que, ao lado de outros comunistas, como José Duarte, soube há 21 anos atrás separar o joio do trigo, preservar o Partido e dedicar-se à sua construção, até chegar ao que é hoje, uma organização política admirada por tantos quantos efetivamente aspiram a um Brasil livre, soberano, socialista, com bem estar para seu povo trabalhador.

De nossa parte, os comunistas que se empenham no Rio Grande do Sul, continuaremos batalhando pela aplicação criadora das orientações de nosso Comitê Central, agora mais estimulados pelo histórico 6º Congresso do Partido Comunista do Brasil que vem de se realizar.

O Pleno do Comitê Regional do P.C. do Brasil no RS

MENSAGEM DOS COMUNISTAS IRANIANIANOS

Queridos camaradas,

Saudamos com entusiasmo a realização vitoriosa do Congresso do Partido Comunista do Brasil e estamos certos de que ele anuncia novos e maiores sucessos das lutas da classe operária e do povo brasileiro. O Brasil, onde as riquezas são pilhadas pelos imperialistas e onde o povo verte suor e sangue sob a exploração feroz dos imperialistas e dos seus títeres locais, é atingido em cheio pela crise, que sacode o mundo capitalista-revisionista. Seu enorme endividamento junto às grandes sociedades multinacionais, do Fundo Monetário Internacional, aumenta a cada dia. Isto anuncia novos levantamentos do povo brasileiro que o heróico Partido Comunista do Brasil, após seu Congresso, mais do que nunca está em condições de conduzir e levar avante. A reação, que teme como a peste o desenvolvimento do movimento popular, mudou de tática e faz o jogo da "democracia" na esperança de que isso calará a voz combativa das massas brasileiras oprimidas e exploradas. Mas a realidade já mostrou que este sonho é vão e a realização de vosso Congresso é também um cabal desmentido disso.

Queridos camaradas, no Irã igualmente, o povo é submetido à ditadura dos mollahs com Kholmeiny à frente. Estes, após a vitória da magnífica revolução de fevereiro de 1979 que derrubou e expulsou o Xá e seus patrões americanos, aproveitando-se da relativa fraqueza das organizações revolucionárias e democráticas dizimadas pelo antigo regime, instauraram uma nova ditadura sanguinária onde milhares dos melhores filhos do povo jazem nas prisões, onde morrem executados sob as torturas e pelas balas de seus carrascos supostamente "anti-imperialistas". Dezenas de nossos camaradas foram assim executados e centenas de outros são ainda presos e torturados impiedosa e sistematicamente.

Mas hoje as forças revolucionárias, democráticas e verdadeiramente anti-imperialistas estão reunidas no seio do Conselho Nacional da Resistência (C.N.R.) para abrir uma nova perspectiva revolucionária ao povo iraniano. Este manifesta sua oposição por todos os meios e corajosamente aos seus novos opressores "islâmicos".

O Partido do Trabalho do Irã, que luta nas condições do terror, que vós, queridos camaradas brasileiros, bem conheceis, não foi dizimado sob os furiosos golpes da reação, malgrado as numerosas prisões e execuções; nossos camaradas estão determinados e confiantes na vitória final do povo iraniano. Nós sabemos que isto demanda ainda muitos sacrifícios, pois a reação iraniana e o imperialismo, sobretudo as superpotências, os EUA e a URSS, não ficam de braços cruzados face ao desenvolvimento das lutas populares no Irã e em toda esta região estratégica do mundo.

Queridos camaradas, nesta situação tempestuosa e de crise do imperialismo e do social-imperialismo, a unidade marxista-leninista, baseada nos princípios, do Movimento Comunista Internacional, em todo da grandiosa Albânia Socialista, é mais necessária do que nunca.

Nós nos alegramos pelos laços fraternais que unem nossos dois partidos e esperamos aprofundá-los no futuro. Aguardamos igualmente os documentos de vosso Congresso.

Transmiti nossas saudações calorosas a vossos camaradas e ao povo brasileiro.

VIVA O MARXISMO-LENINISMO E O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO!
VIVA O RECENTE CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL!

Com nossas fraternais saudações comunistas,
O Comitê Central do Partido do Trabalho do Irã.

Mais aujourd'hui les forces révolutionnaires, démocratiques et vraiment anti-impérialistes, se sont réunies au sein du Conseil National de la Résistance (C.N.R.) pour ouvrir une nouvelle perspective révolutionnaire au peuple iranien. Celui-ci manifeste son opposition par tous les moyens et avec courage, à ses nouveaux oppresseurs "Islamiques".

Le parti du Travail d'Iran qui lutte dans ces conditions de terreur que vous, chers camarades brésiliens, connaissez bien, n'a pas, malgré les nombreuses arrestations et exécutions, pu être décimé sous les coups furieux de la réaction ; nos camarades sont déterminés et confiants en la victoire finale du peuple iranien. Nous savons que celle-ci demande encore beaucoup de sacrifices car la reaction iranienne et l'impérialisme, surtout les superpuissances U.S. et Soviétiques ne restent pas les bras croisés, face au développement des luttes populaires en Iran et dans toute cette région stratégique du monde.

Chers Camarades, dans cette situation de tempête et de crise de l'impérialisme et du social-impérialisme, l'unité marxiste-léniniste, basée sur les principes, du Mouvement Communiste International, autour de la grande Albanie socialiste, est plus nécessaire que jamais.

Nous nous réjouissons des liens fraternels qui unissent nos deux partis et espérons les approfondir prochainement. Nous attendons également les documents de votre Congrès.

Transmettez nos salutations chaleureuses à vos camarades et au peuple brésilien.

Vive le Marxisme-Léninisme et l'Internationalisme prolétarien !
Vive le dernier Congrès du Parti Communiste du Brésil !
Avec nos salutations communistes fraternelles

Parti du Travail d'Iran
12.04.1983